
Narrativas históricas escolares: interfaces entre ensino de história, formação docente e realização profissional

*Historical narratives in school: interface between
the teaching of history, teacher training and professional fulfillment*

Lisliane dos Santos Cardôzo*
Maria Medianeira Padoin**

Resumo: Este artigo se propõe a apresentar uma reflexão sobre a revisão de literatura acerca do projeto: “Narrativas Históricas Escolares: Interfaces entre Ensino de História, Formação Docente e a Realização Profissional”, que visa a investigar as relações entre a formação (inicial e continuada) do educador de história e sua realização profissional, como também suas práticas pedagógicas. Apresentamos aqui elementos iniciais dessa investigação que é fomentada pelo Programa de Licenciaturas da Universidade Federal de Santa Maria (PROLICEN, 2009). A pesquisa busca, pela análise das narrativas dos professores atuantes no Ensino Fundamental da rede pública de Santa Maria/RS, além de colaborar na reflexão sobre o ensino de história, compreender de que forma se dá

Abstract: This paper examines the project “Historical Narratives in School: interface between the teaching of History, teacher training and professional fulfillment”, which aims at investigating the relationship between initial and ongoing training of the teacher of History and the level of satisfaction achieved. The investigation is sponsored by the Teacher Training Undergraduate Program at Universidade Federal de Santa Maria (PROLICEN, 2009). The researchers are interested in analyzing the narratives of teachers of elementary public schools in the city of Santa Maria/RS, in order to understand the process of “becoming” a teacher, as well as to help in that process. The research is qualitative and makes use of oral history, questionnaires and documents. The final goal is to establish

* Acadêmica do curso de História, projeto financiado pelo Programa de Licenciaturas (PROLICEN, 2009), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

** Doutora, Professora Adjunta no Departamento de História na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do projeto.

o processo de “fazer-se” professor. A metodologia da pesquisa é qualitativa, utilizando a História Oral, questionários e fontes documentais. Pretende-se, assim, a partir do contexto escolar santa-mariense pensar o perfil dos profissionais educadores de história, estimulando, portanto, uma reflexão sobre essa identidade docente.

the profile of professional education in history in the city by stimulating the reflection about this identity.

Palavras-chave: Formação de professores. Ensino de história. Realização profissional.

Keywords: Teacher training. Teaching of history. Professional fulfillment.

Introdução

A pesquisa apresentada aqui teve início recentemente, em maio de 2009, quando foi contemplada pelo Programa de Licenciaturas (Prolicen) da Pró-Reitoria de Graduação, órgão financiador da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Nasceu da necessidade latente de escutar o profissional licenciado da área de história, para além das fronteiras da ciência tecnopositiva, percebendo suas subjetividades e significações a respeito de sua profissão.

O objetivo do projeto é investigar o ensino de história no Município de Santa Maria visando a estudar, sobretudo, o processo de formação (inicial e continuada) e a relação desse com a satisfação profissional, como também com as práticas pedagógicas do educador dessa disciplina, atuante na rede pública de ensino, buscando, assim, construir novos conhecimentos sobre o processo de formação e a prática docente, bem como sobre as mudanças e permanências na construção da identidade do professor de história.

O ensino de história: o professor como sujeito

Na área da educação, foi na década de 80 (séc. XX) que começam a aparecer estudos que têm como foco o professor como sujeito de análise.

Entretanto, as relações do ensino de história com outras dimensões, além do currículo (conteúdo), não tem recebido tanta atenção dos pesquisadores. Segundo a pesquisadora Fonseca, a história do ensino de história tem lançado novos olhares para os objetos de pesquisa, não obstante, seja um processo recente, pois até então a ênfase recaía nos trabalhos relativos à sala de aula, no livro didático, sem, no entanto, caracterizar-se como uma história do tempo presente.

Segundo Fonseca,

no conjunto, sobressaem os trabalhos sobre os currículos e sobre os livros didáticos, geralmente analisados em seus aspectos intrínsecos ou como produtos das elaborações políticas e ideológicas. Mais recentemente têm surgido análises interessadas na vinculação entre o ensino de História e a produção historiográfica e estudos que procuram utilizar, além da análise textual, a leitura da iconografia como elemento fundante da construção do saber histórico escolar. (2006, p. 27).

O ensino de história é um campo complexo, que não pode se resumir à formalidade dos currículos, do material didático e da análise textual iconográfica. É necessário refletir acerca do profissional de história licenciado, a formação desse e do professor como sujeito, como pessoa, ouvindo-o e as suas subjetivações e significações. Para isso, convém analisar a história de vida escolar dos professores, os obstáculos que foram transpostos ao longo de sua caminhada profissional, como foi o processo de inserção no sistema de ensino e as mudanças na sua forma de ensinar.

Esse projeto se insere no contexto de estudos realizados numa perspectiva que incorpora novas fontes e abordagens, cujo profissional-professor é sujeito de análise, utilizando a História Oral como método, sendo que “a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*”. (PORTELLI, 1997, p. 31). Os processos de significação sofrem mudanças ao longo da vida docente, e esses, por sua vez, sofrem influência do seu tempo histórico e da mutabilidade do *fazer histórico*,

sendo o “fazer histórico” mutável no tempo, seu exercício pedagógico também o é. Eu diria que ensinar História é uma atividade submetida a duas transformações permanentes: do objeto em si e da ação pedagógica. O objeto em si (o “fazer histórico”) é transformado pelas mudanças sociais, pelas novas descobertas arqueológicas, pelo debate metodológico, pelo surgimento de novas documentações e por muitos

outros motivos. A ação pedagógica muda porque mudam seus agentes: mudam os professores, mudam os alunos, mudam as convenções de administração escolar e mudam os anseios dos pais. Ainda que a percepção sobre as mudanças na escola sejam mais lentas do que as de outras instituições da sociedade, ela certamente muda, e, eventualmente, até para melhor. Bem, se estamos concluindo que o “fazer histórico” muda bastante, se estamos concluindo que a escola muda também, é imperativo pensar que a renovação do ensino de História deve ser trazida constantemente à tona. (KARNAL, 2008, p. 8-9).

Por isso, estudar o ensino de história dentro de uma perspectiva que pretende perceber as transformações do objeto (o fazer histórico) e da ação pedagógica, pois ambos estão sempre se renovando é, deveras, muito pertinente, visando, para isso, a pensar e analisar o sujeito em si (professor) para procurar entender sua ação pedagógica, que é mutável, assim como o fazer histórico o é, e a relação dessa prática com sua formação, uma vez que,

sem uma reflexão sobre a mudança contínua e as permanências necessárias, a atividade do professor torna-se insuportável com o passar dos anos. Todas as profissões têm sua “perda de aura” no enfrentamento entre a pluma do ideal e o aço do real, mas aquelas que trabalham com a formação de pessoas parecem tornar esse desgaste ainda mais gritante. (KARNAL, 2008, p. 10-11).

Entre o real e o ideal existe um *choque* quando ocorre o processo de tornar-se professor e se começa a experienciar a profissão docente, e como não se pode separar o *eu* pessoal do *eu* profissional, esse processo de inserção na escola é permeado de sentimentos, quer de rejeição e entusiasmo, quer de incertezas e alegrias, etc. Essas mudanças (conflitos), essa busca de identidade profissional, os anseios, as emoções que surgem na trajetória escolar acerca da atividade do professor requerem uma reflexão sobre todo o processo do fazer docente, e essa necessita de continuidade.

A formação inicial, somada à experiência na esfera escolar, é que irá configurar o saber histórico escolar do professor, mostrando, assim, suas imagens, expectativas e frustrações sobre o papel do educador de história, pois “ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”. (NÓVOA, 1995, p. 10).

Assim, a importância de todo o processo formativo ao longo da carreira docente é enorme e, principalmente, no processo de “fazer-se” professor em relação à formação inicial, e, quando se encara a realidade escolar, é nela (na formação inicial) que se buscam não só apoio teórico, como também justificativas para nossa adesão a práticas pedagógicas. Essa formação vai, de fato, definir muitos aspectos das práticas pedagógicas do educador, que, por sua vez, sendo esse uma pessoa, ou seja, um ser carregado de desejos, expectativas, utopias, pode se tornar um profissional feliz ou frustrado. Entretanto, não se pode simplificar a dicotomia feliz/infeliz, pois existem fatores, processos e sentimentos que precisam ser estudados, e é isso que pretendemos nesse projeto em andamento: pensar além do frustrado e do realizado.

A obra *Profissão professor*, de Nóvoa, pensa os dilemas da profissão docente indo ao encontro da proposta desse projeto. Nela ele afirma que

as conseqüências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absenteísmo e abandono, insatisfação profissional [...] ausência de uma reflexão crítica sobre a acção profissional, etc. [...] Mas é preciso contar também o outro lado da história, verificando com alguma surpresa que, apesar de tudo, o prestígio da profissão docente permanece intacto. [...] Nuns e noutros casos a imagem da profissão docente é bastante positiva. [...] Este paradoxo explica-se pela existência de uma brecha entre a visão idealizada e a realidade concreta do ensino. (1995, p. 22).

Sabemos de toda a problemática escolar e das adversidades que os professores encontram ao longo de sua carreira, e isso nos motiva a investigar essas relações que se estabelecem na escola e a crise identitária por que passam muitos educadores. Pensar a vida docente do profissional de História, que é carregada de particularidades, nos leva a perceber elementos da identidade do professor, que é resultado também de sua formação inicial.

O ofício de educar e a identidade do professor de história

Entendemos que a exposição que os educadores, sujeitos da pesquisa, fazem de seu fazer docente, de suas experiências, como também

de suas práticas pedagógicas fornece pistas para pensarmos a formação inicial desses sujeitos e como essa influenciou na sua autoestima como educador. Buscamos apreender se esses educadores gostam do que fazem e se reafirmam a escolha que fizeram quando ingressaram em um curso de licenciatura, os porquês dessa realização ou da falta de estímulo pelo “ofício de mestre” e quais são as relações disso com a sua formação. Arroyo, em sua obra intitulada *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*, afirma que nós, professores,

estamos atrás de nossa identidade de mestres. O que não mudou, talvez, possa ser a caminho fecundo para entender-nos um pouco mais, do que estar à cata do que mudou, dos moderninhos que agora somos. Mas por que continuamos tão iguais os mestres de outrora e de agora? Porque repetimos traços do mesmo ofício, como todo artífice e todo mestre repetem hábitos e traços, saberes e fazeres de sua maestria. Nosso ofício carrega uma longa memória. Guardamos em nós mestres que tantos foram. Podemos modernizá-lo, mas nunca deixamos de sê-lo. Para reencontrá-lo, lembrar é preciso. (ARROYO, 2000, p. 17).

O processo de fazer-se professor é também um processo de construção de identidades, e essas identidades coletivas construídas pelos docentes de história, que têm marcas do seu ofício, construído ao longo da graduação (formação inicial) e de sua atuação, nos move a pensar nos processos formativos a partir de questões que extrapolem a dicotomia ensino-pesquisa, implicando, assim, nesse projeto, a articulação de questões peculiares e restritas aos agentes da cultura escolar que lecionam história, ou seja, também historiadores, procurando pensar o ensino de história em suas dimensões e relações históricas.

Procuramos, através da pesquisa, questões idiossincráticas do educador-historiador, ao analisar a estrutura discursiva de suas narrativas, para identificar os diferentes matizes historiográficos que lhes servem de referência, implícitos também nas suas estratégias metodológicas, pois a prática em sala de aula nasce de uma concepção teórica, a relação com o contexto histórico, como, por exemplo, a década de 80 (séc. XX), quando ocorreu a valorização da pesquisa nas universidades brasileiras, ou seja, a formação de um professor-pesquisador e seu posterior reflexo nos textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a área de história; a influência da sociologia e da antropologia e o ensino de história na contemporaneidade, quando o professor se confronta com novas questões, como bem trabalham os PCNs.

Entendemos que a profissão docente e sua identidade não podem ser reduzidos a dimensões racionais, pois

a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NÓVOA, 1995, p. 16).

A formação desse profissional, “um espaço de construção de maneiras de ser”, terá também seus reflexos na identidade docente, na ação e no saber, afinal “porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula? [...] Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos”. (NÓVOA, 1995, p. 16).

Esse *modo próprio*, ou identidade individual, está diretamente associado à dimensão formativa. O processo de formação inicial nos marca, nos lega saberes, posturas, teorias e práticas, e essas têm relação com o posterior fazer pedagógico, por balizarem a identidade do professor ou, após inserção na escola, por serem negadas ou rejeitadas.

Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. [...] Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. [...] O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. (MOTA, 1995, p. 114-115).

Enfim, a diversidade dos fenômenos nos possibilita vislumbrar a complexidade que caracteriza o ensino de história e a formação desse educar, visto que essa diversidade e sua relação com a realização profissional têm intrínseca uma formação própria.

De forma que esse projeto pretende, ao cabo, alcançar a percepção dos trajetos de diferentes sujeitos em diferentes realidades, quer sociais, quer temporais, quer espaciais, enfim, socioculturais diversas, utilizando, para isso, a coleta de narrativas traçadas através da memória das

experiências, dos processos de subjetivação e da paixão construída ou desconstruída pelo educar dos professores de instituições da rede pública através da História Oral.

Metodologia e resultados parciais da pesquisa de campo

A metodologia da pesquisa se inspirou na abordagem de cunho qualitativo, tendo como principal fonte entrevistas baseadas no modelo da História Oral, em que a memória é colocada em destaque como fonte de investigação e análise. Adotou-se, para isso, como referencial básico de análise, os estudos de Thompson. Para ele “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”. (1992, p. 44).

A história oral representa a possibilidade de construção de uma abordagem não convencional das pesquisas em torno do ensino de história, ampliando, assim, caminhos ainda pouco explorados, pois, a pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, e as fontes escritas são muito limitadas. Nessa perspectiva, tornou-se essencial, segundo os objetivos do projeto, o uso da evidência oral. Como indica Thompson,

a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (1992, p. 137, grifos do autor).

Trabalhar com a história a partir da memória é ter contato com o subjetivo desses profissionais. Segundo Portelli,

o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (1997, p. 33).

Como mencionado no início do artigo, estamos na fase inicial do projeto e, portanto, temos resultados parciais dessa pesquisa. Utilizamos instrumentos diversos em cada etapa da pesquisa de campo. Na primeira, elaboramos um questionário semiestruturado, um formulário de identificação do professor. Usaremos, também, um questionário com perguntas abertas para o aluno, a fim de complementar a análise. Esse instrumento permite-nos trabalhar com a margem necessária de população de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Santa Maria, para uma posterior escolha dos professores depoentes. Essa ferramenta nos dará subsídios relevantes para o entendimento de nossa problemática de pesquisa.

Na segunda etapa, que está em andamento, através do método da História Oral, fazemos entrevistas gravadas, tendo em mente que

História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistados, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 1996, p. 15).

Estamos visitando as escolas e apresentando o projeto, para, num segundo momento, partimos para a coleta de dados e, posteriormente, a análise das entrevistas. A escolha dos entrevistados não está sendo pautada em critérios quantitativos, mas qualitativos. A seleção está sendo realizada com professores de diversas categorias sociais e tipos de formação, mas que, no entanto, têm em comum o fato de ensinar a disciplina de história no Ensino Fundamental em Santa Maria. E, *a posteriori*, pretendemos voltar aos sujeitos depoentes para lhes apresentar os resultados da pesquisa. O universo da pesquisa é composto por escolas da rede pública de Santa Maria, às quais fazemos visitas para apresentar o projeto e selecionar os sujeitos da pesquisa, sendo nosso objetivo atingir cinco escolas municipais e cinco escolas estaduais com Ensino Fundamental, ao término.

Portanto, além da constante revisão bibliográfica, fizemos a estruturação do questionário (para alunos e professores) e da entrevista (para professores) como também uma pesquisa simultânea a fontes escritas. Já escolhemos as escolas a serem visitadas e já visitamos algumas, como também aplicamos o instrumento de coleta de dados, a entrevista

gravada, que dela faremos a transcrição, para, finalmente, analisar os dados.

Procuraremos perceber, nas narrativas, elementos limitantes e potencializadores da formação dos profissionais ao longo de sua trajetória, o que lhes proporcionará uma autorreflexão sobre a relação de sua formação com a construção de suas práticas pedagógicas inquirindo como as vivências e as práticas educacionais se relacionam com a formação, e essa, por sua vez, com as exigências e demandas da sociedade, com as inovações, a política, a ideologia, e com outros aspectos culturais e simbólicos.

Conclusão

Pensar o ensino de história e a formação de professores implica refletir acerca da dinâmica social que se relaciona com o processo não só de atuação, mas de formação do educador. Ao abordar questões a respeito da formação de professores, estamos nos aproximando do cerne de inúmeras problemáticas da educação. Essas problemáticas levam o profissional educador a transpor obstáculos, não só didáticos e metodológicos, como formativos e emocionais. No entanto, essa superação necessita, por parte do professor, de constante reflexão crítica acerca de sua prática pedagógica e da própria escolha profissional.

Todos nós refletimos na ação e sobre a ação, e nem por isso nos tornamos profissionais reflexivos. É preciso estabelecer a distinção entre a postura reflexiva do profissional e a reflexão episódica de todos nós sobre o que fazemos. Visando chegar a uma verdadeira prática reflexiva, essa postura deve se tornar quase permanente, inserir-se em uma relação analítica com a ação, a qual se torna relativamente independente dos obstáculos encontrados ou decepções. Uma prática reflexiva pressupõe uma postura, uma forma de identidade, um habitus. (PERRENOUD, 2002, p. 13).

Essa pesquisa procura estimular uma permanente postura reflexiva, pois a atuação do professorado está repleta de significados produzidos ao longo de sua trajetória de vida, com base em como esse educador se relaciona com sua escolha profissional. Por conseguinte, concluímos para começar não a responder, mas a questionar e a refletir ainda mais sobre a educação e o ensino dessa disciplina.

Referências

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História/Básico*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Portugal: Porto, 1995.
- _____. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Portugal: Porto, 1995.
- _____. *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1995.
- _____. Os professores: um “novo” objecto da investigação educacional? In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1995, p. 65.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1995, p. 88.
- PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Trad. de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo, 1997.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Recebido em 4 de maio de 2009 e aprovado em 23 de junho de 2009.